

O JUBILEU DE OURO DA PRIMEIRA TURMA DO QUADRO COMPLEMENTAR: Turma José Bonifácio de Andrada e Silva – 1972/2022

A voz da minha consciência brada-me a todo instante que, no desempenho das minhas obrigações públicas, se não fiz o que queria, fiz o que podia.

José Bonifácio de Andrada e Silva

ELSON DE AZEVEDO **BURITY***
Capitão de Mar e Guerra (Ref^{ts}-T)

SUMÁRIO

Introdução
O aprendizado militar naval
Desenvolvimento da carreira
Conclusão

INTRODUÇÃO

A presente história do Jubileu de Ouro da Turma 1972 do Quadro Complementar, cujo patrono é o Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, iniciou-se em 2 de fevereiro de 1961, com a publicação da Lei nº 3.885, quando a Marinha do Brasil criava os Quadros Complementares de Oficiais, com o posto máximo fixado em

capitão-tenente. Posteriormente, uma nova legislação foi estabelecida, com a promulgação do Decreto nº 65.312 de 9 de outubro de 1969, que regulamentou o Decreto-Lei nº 610, de 4 de junho de 1969, criando os Quadros Complementares (QC) de Oficiais da Marinha. Inicialmente, era estabelecido o acesso dos oficiais aos postos de segundo-tenente a capitão de fragata. É oportuno registrar que, dentro da estrutura administrativa

* Foi encarregado do Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade (Poit), delegado em Tabatinga (AM) e capitão dos Portos no Maranhão. Atualmente exerce atividades no Tribunal Marítimo.

da Escola Naval, já existia a Escola de Formação de Oficiais da Reserva Não Remunerada (Eform), que, sob determinadas condições e com a conclusão de curso superior de interesse da Marinha, permitia, juntamente aos oficiais oriundos do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) do Exército Brasileiro, o ingresso ao QC.

Assim, no ano de 1972, antes da formatura da Turma José Bonifácio de Andrada e Silva, já existia um contingente de oficiais pertencentes ao QC, oriundos da Eform e do CPOR, como os Capitães-Tenentes Euler, Waldemar, Galo e Cordeiro e os Tenentes Cheriffe, Valter, Cassol, Murici, Dias, Carapeba, Steffen, Lélío Cherman, Eizo, Guildo e alguns mais, conforme publicado nas Portarias Ministeriais 0803,0804 e 0827/1972, que passaram, obviamente, a contar antiguidade na nossa frente. Registre-se que muitos desses oficiais serviram de referência para o início das nossas carreiras.

Para quem estava chegando do meio civil e quase nada conhecia da Marinha era um sonho pensar que haveria uma chance de algum dia envergar aquela farda de oficial da Marinha. Lembro-me bem quando o Almirante Ramon Gomes Leite Labarthe, então diretor do Pessoal Militar da Marinha, o Capitão de Corveta Barata, seu assistente, e o Capitão-Tenente Pinto foram a diversas universidades do Rio de Janeiro divulgar a recente oportunidade criada para ingresso na Marinha. Outros estados do Brasil tiveram também a mesma oportunidade, como São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará.

O APRENDIZADO MILITAR NAVAL

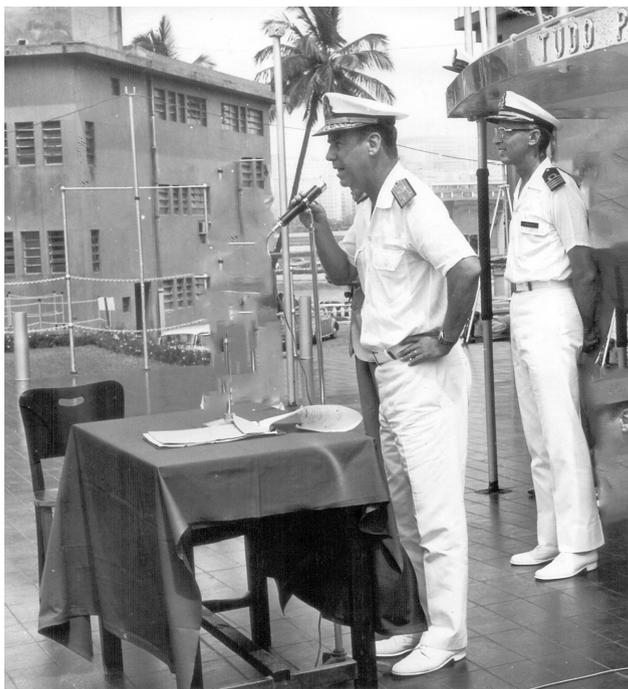
As dificuldades iniciais foram bem marcantes para os colegas oriundos dos diversos estados do Brasil, pois nós não tínhamos direito de pernoitar na Escola Naval, e muitos passaram a alugar imóveis em pequenos grupos, o que barateava a indenização do aluguel. Em 27 de março de 1972, às 10 horas, todos se apresentaram na Escola Naval. Poucos se conheciam. Não tínhamos uniforme, e nossas mentes eram repletas de dúvidas, curiosidades, esperanças e muitos sonhos. Logo de início, assistimos a uma palestra muito esclarecedora, proferida

pelo então diretor da Escola Naval, Almirante Rubem Mattos, em que um colega perguntou como seríamos recebidos pelos oficiais embarcados. Aquela pergunta sintetizava a nossa

dúvida e uma leve desconfiança, e só embarcados saberíamos a resposta.

Dali em diante, cumprindo o nosso dia a dia, passamos a estudar várias disciplinas, e até me lembro de alguns instrutores: CF Lessa, encarregado do Curso de Formação de Oficiais; CT Antunes, Armamento; CC Xerém, Direção de Tiro; CT Neiva, Navegação Costeira e Estimada; CT Luz, Navegação Astronômica; Ten. Sheriff, Máquinas; CT Euler, Administração Naval; CT Gallo, Legislação Naval; CT (FN) Armando, Ordem Unida; CC Rondon, Técnicas de Intendência; entre outros. No mês de setembro de 1972, os guardas-marinha (QC-CA e QC-IM) embarcaram e participaram da Operação Unitas XIII, ficando assim distribuídos:

Para quem chegava do meio civil e pouco conhecia da Marinha era um sonho pensar envergar a farda de oficial



Passadiço da Escola Naval. Almirante Rubem Mattos (diretor) e Capitão de Mar e Guerra Pardellas (vice-diretor)

– Navio Aeródromo Ligeiro *Minas Gerais* (A11), comandante CMG Aripena Leão Feitosa – Mário, Sauma, Brasileiro, Baena, Aguiar, Rafael, Ivar, Maciel e Schlindwein;

– Cruzador *Tamandaré* (C 12), comandante CF Lauro de Oliveira Castelo Branco – Edgard, Amaro, Carlindo, Gagliardi, Serra Pinto, Wesley, Pescadinha, Castro, Wanderlei Alves, Furlanetto, Plaisant, Nascimento, Cervelline, Júlio, Alcântara, Knak, Gualberto, Valente e Melo;

– Contratorpedeiro *Pará* (D 27), comandante CF Didier – Sá, Peranzetta e Ferreira;

– Contratorpedeiro *Paraná* (D 29), comandante CF Gothardo de Miranda e Silva – Alves, Lordelo e Rudajá;

– Contratorpedeiro *Pernambuco* (D30), comandante CF José do Cabo – Mário Cesar, Pontes e Nohl;

– Contratorpedeiro *Piauí* (D31), comandante CF Serpa – Maia Neto, Luís Carlos e César; e

– Contratorpedeiro *Santa Catarina* (D32), comandante CF Edson Ferraciú – Burity, Teles e João Luís.

Durante aquele primeiro contato com a vida de bordo, alguns colegas andaram cometendo gafes que ficaram marcadas na nossa turma. Um colega embarcado no CT *Pernambuco*, por estar saudoso da família, foi perguntado se gostaria de telefonar para sua mãe. Sendo aceita a oferta, foi então combinado que a ligação ocorreria no Centro de Informações de Combate (CIC), no quarto d'alva.

Quando tudo pronto, o GM guarneceu a fonia e exclamou: Alô mãe! Bem ali próximo na fonia, alguém respondeu: Mamãe coisa nenhuma. Aqui é o D-30, CT *Pernambuco*, vá trabalhar!

Um outro fato aconteceu comigo, a bordo do CT *Santa Catarina*. Por tradição familiar, eu me barbeava utilizando uma navalha e um assentador para amolá-la. Ao perceberem a minha rotina diária, recebi o apelido de “Navalhinha”, e os oficiais queriam comprovar o meu “safismo” num mar 4 ou 5. Quando de volta ao Rio de Janeiro, rapidamente passei a utilizar um barbeador de lâminas paralelas. O tempo passou, e há oficial daquela época que até hoje não esquece aquele meu apelido.

Já outro GM, embarcado no CT *Santa Catarina*, de tanto marear na viagem, ganhou o apelido de “Rei das Pias”, pois nem

o famoso comprimido Dramin conseguiu resolver seus enjoos.

Quanto aos colegas Fuzileiros Navais, estes foram cumprir seus períodos de adaptação em três Batalhões Operativos:

– Batalhão Humaitá, comandante CMG (FN) Olavo Freire da Rocha – Cunha, Dotto, Prado, Falavigna, Almeida, Vieira, Varoni, Bulhões, Barreto, Martins e Aldson;

– Batalhão Riachuelo, comandante CMG (FN) Ivan Cajaty – Zamir, Luís Carlos, Bueno, Nelson, Degani, Valdo, Ricardo Gonçalves, Nilton Hipólito, Roberto e Edgardo Rodrigues; e

– Batalhão Paissandu, comandante CMG (FN) Álvaro Jorge Olivier Grego – Villela, Monteiro, Elias, Mauro, Jorge Lauro, Valdemir, Silvino Calgare e Marques.

Também com os nossos colegas fuzileiros navais ocorreram fatos hilariantes. Senão, vejamos:

Um colega de serviço no Batalhão Humaitá recebeu ordem para guarnecer um caminhão com o propósito de buscar 50 mesas e cadeiras na sede do Clube Naval Piraguê. Só que o colega, erradamente, por não conhecer o Rio de Janeiro, dirigiu-se à fábrica de biscoitos Piraguê, no bairro de Madureira, bem distante da Lagoa Rodrigo de Freitas. É óbvio que deu tudo errado. O colega não cumpriu a missão, e isso lhe valeu muito aperto e explicações a seus superiores. Outro fato interessante ocorreu durante um exercício de ataque a uma elevação próxima ao Batalhão Paissandu. Era a hora do almoço, quando foi servida a ração R2, feita em um pequeno fogareiro com álcool gelatinoso. Eis que um colega, ao acender o fogareiro, também ateou fogo no mato próximo. Assim, a hora de rancho transformou-se num exercício de combate a incêndio,



Cerimônia de Formatura dos Segundos-Tenentes QC

pois todos foram chamados a apagar as chamas no matagal. A partir daquele episódio, o colega ficou conhecido como “O Incendiário”.

Eis que chegava o mês de outubro de 1972, e a Ordem do Dia nº 0076/1972, assinada pelo diretor da Escola Naval, Contra-Almirante Rubem José Rodrigues de Mattos, bem marcava aquele momento na sua exortação do dia 25: “Renovando o compromisso de servir à Marinha, os senhores fizeram uma opção consciente. Servir à Marinha, antes de tudo, é servir à Pátria, e, servindo a esta, servir-se a si, como cidadão livre que se engaja em gloriosa carreira, cujo valor aprenderão a descobrir, pelo próprio serviço. Sejam felizes”.

Às 11h daquela manhã ensolarada, ocorreu a nossa cerimônia militar de recebimento das espadas de segundos-tenentes, quando, no campo de atletismo da Escola Naval, garbosamente, bradamos nosso compromisso: “Perante a bandeira do Brasil e pela minha honra, prometo cumprir os deveres de oficial da Marinha do Brasil e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria”.

DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA

No início de nossas carreiras, havia uma grande expectativa natural pelo nosso futuro. Aos poucos, alguns colegas obtiveram matrícula nos cursos de carreira dos oficiais oriundos da Escola Naval, como, por exemplo: Aguiar e Alves concluíram o Curso de Aperfeiçoamento de Aviador Naval (CAvNav); Castro e César concluíram com aproveitamento o Curso de Aperfeiçoamento de Hidrografia para Oficiais (CAHO); eu, particularmente, tive o mesmo sucesso dos demais ao concluir o Curso de Aperfeiçoamento de

Eletrônica para Oficiais (CAEO); os Fuzileiros Navais cursaram a EsAO, no Exército Brasileiro, realizando o Curso Básico de Comunicações e o Curso de Embarque e Carregamento; e alguns intendentes fizeram o Curso de Aperfeiçoamento de Intendência para Oficiais (CAIO). Salvo algumas exceções, a imensa maioria obteve êxito ao concluir com aproveitamento os seus cursos. Posteriormente, surgiram outros desafios, como o Curso Básico da EGN, Curso Superior de Guerra Naval (CSGN) e Curso Avançado de Operações Anfíbias (CAvANF) para os Fuzileiros Navais. Outros colegas foram além e ainda cursaram Administração Hospitalar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Concreto Armado no Instituto Militar de Engenharia (IME) e Mestrado em Ciências Geodésicas na Universidade Federal do Paraná. Só para citar duas importantes atuações da nossa turma, o amigo Nohl participou ativamente da construção do Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD). Já o Castro, além de consagrar-se como o primeiro oficial QC encarregado do Curso de Aperfeiçoamento de Hidrografia para Oficiais, elevou o currículo do curso ao grau de padrão internacional, junto à Organização Hidrográfica Internacional e à Federação Internacional dos Geômetras. Aliás, com todo o respeito ao amigo Castro, ele ficou muito conhecido na área da Diretoria de Hidrografia e Navegação pelo simpático apelido de “Mariola”. Quanto às condecorações recebidas, em função do desempenho profissional, muitos foram agraciados com o Mérito Tamandaré, Mérito Naval, Mérito Santos Dumont e até condecorações estrangeiras, como Mérito Naval da Marinha da Colômbia e Mérito dos Engenheiros Militares do Exército da Colômbia. Em relação às comissões de destaque, tivemos a de

diretor do Presídio Naval, delegado em Tabatinga, encarregado do Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade e capitão dos Portos do Maranhão, com destaque desta ser a primeira Capitania comandada por um CMG (T), em 1999.

É digno de registrar que, em 1997, quando o então ministro Almirante Mário Cesar Rodrigues Pereira criou o Quadro Técnico (QT), possibilitou o remanejamento de vagas no topo da carreira e a criação de diversos cargos de direção. Tal medida veio consagrar e justificar de vez a criação do Quadro Complementar, anos atrás, mostrando mais uma vez que a Marinha sempre esteve certa dos seus objetivos. Tanto é que, após a criação do Quadro Complementar, a mesma MB,

como Força pioneira, criou o Quadro Feminino, sucesso incontestável nos dias de hoje, contando com almirantes mulheres.

Mas essa nossa longa caminhada de meio século não poderia ser completa se não contássemos com o reconhecimento dos nossos mais diretos e respeitosos chefes hierárquicos, como o Presidente da República do Brasil e o Comandante da Marinha (CM). Com esse propósito, em 7 de abril de 2022, foram entregues ao Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, três brindes representativos do nosso Jubileu de Ouro, conforme agradecimento consignado pelo ofício reproduzido aqui.

Já a entrega dos brindes ao comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, ocorreu em duas

00037.000526/2022-96


PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Gabinete Pessoal do Presidente da República
Gabinete Adjunto de Gestão Interna

OFÍCIO Nº 1494/2022/GPPR-GAGI/GPPR

Brasília, 11 de abril de 2022.

Ao Senhor
Elson de Azevedo Burity
Capitão de Mar e Guerra da Marinha do Brasil
Avenida Alfred Agache – Centro
20021-000 Rio de Janeiro/RJ
onburity@gmail.com

Assunto: Agradecimento.

Senhor Capitão de Mar e Guerra,

Acusamos o recebimento das lembranças (1 camisa, 1 caneca e 1 cartão com dedicatória)
destinadas ao Senhor Presidente da República.
O Presidente agradece e envia cumprimentos.

Atenciosamente,

AIDA IRIS DE OLIVEIRA
Chefe do Gabinete Adjunto de Gestão Interna
Gabinete Pessoal do Presidente da República

Ofício de agradecimento do Presidente Bolsonaro



Comandante da Marinha, AE Garnier; CMG (Re^{pl}-T) Burity, presidente da Associação da Turma José Bonifácio de Andrada e Silva e o ex-ministro da Marinha, AE (Re^{pl}) Alfredo Karan

CONCLUSÃO

Após 50 anos da promoção a segundos-tenentes, todos nós sentimos orgulho de ter servido à Marinha do Brasil, onde convivemos em excelente meio, que alia tradição, patriotismo, elevação de propósitos e profissionalismo. Nesse Jubileu de Ouro, ao qual incorporamos com grande satisfação os demais colegas formados pela antiga Eform, é o momento de também enaltecermos a memória do Patriarca da Independência do Brasil, José Bonifácio de

oportunidades, sendo a primeira delas em Brasília, quando o amigo de turma CF (Re^{pl}-T) Castro fez a entrega pessoal de uma camisa polo, personalizada com a logomarca da nossa turma. A segunda ocorreu durante a cerimônia de passagem do cargo de presidente do Tribunal Marítimo, presidida pelo CM, quando aproveitei o momento para ofertar uma caneca e um cartão personalizados, alusivos ao cinquentenário da turma.

Portanto, nossas autoridades maiores prestigiaram o Jubileu de Ouro da Turma QC 1972, gesto pelo qual agradecemos e que estará registrado para sempre em nossas mentes, já um pouquinho desgastadas pelo tempo.

Andrada e Silva, que por coincidência é o patrono da nossa turma. Hoje, ao comemorarmos também o Bicentenário da Independência do Brasil, aqueles jovens tenentes já pertencem a um contingente de oficiais reformados, outros deixaram o serviço ativo por motivos particulares, e alguns passaram para a vida eterna do Senhor Deus, mas nem por isso nós os esquecemos. Ao louvar a eterna Marinha do Brasil, deixamos aqui registrados os sinceros agradecimentos aos nossos pares, aos servidores civis, praças e superiores hierárquicos, que, direta ou indiretamente, sempre contribuíram para o sucesso de nossas carreiras.

Viva a Marinha do Brasil!

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ADMINISTRAÇÃO>; Comemoração;
<PESSOAL>; Turma;